

GALILEU

Roteiro para teatro adaptado por Paulo Noronha Lisboa Filho e Francisco Carlos Lavarda a partir da tradução para o português por Roberto Schwarz da peça “A Vida de Galileu” (*Leben des Galilei*) escrita em 1938-1939 por Bertolt Brecht e publicada no volume 06 (pp. 51-170) da obra “Teatro Completo de Bertolt Brecht”, Ed. Paz e Terra, 1991, Rio de Janeiro.¹

¹ Referência completa: Brecht, Bertold. A vida de Galileu. In: Brecht, Bertold. Teatro completo, em 12 volumes. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1991. Vol. 06 pp. 51 - 170. ISBN 85-219-0326-X

A concepção da adaptação

Esta adaptação tem por principal objetivo permitir que as ideias contidas na versão original possam ser encenadas por somente dois atores e com poucos recursos cênicos. A motivação é envolver o menor número de pessoas com o cenário mais parco possível de modo a facilitar a concretização do espetáculo. Estas opções permitem o emprego da peça como ferramenta de divulgação científica, de fácil apresentação em escolas.

O desafio de reduzir o número de personagens de mais de 50 para 2 foi resolvido do seguinte modo. Primeiramente, o personagem Galileu Galilei foi mantido. Em segundo lugar, e este foi o ponto delicado, escolhemos o personagem Andrea Sarti para fazer a interlocução. Na versão original, ele é o filho da governanta que trabalha para Galileu e recebe lições do mesmo. Em geral coloca-se ao lado de Galileu à medida que cresce e amadurece. Na adaptação ele possui uma idade indefinida, mas certamente já é um adulto, que continua sendo o filho da governanta e exerce o papel de ajudante de Galileu, com acesso livre à correspondência do mesmo. Como toda pessoa normal de sua época e região, é católico e tem muito temor pelos castigos a que, na mentalidade reinante, eram condenados aqueles que discordavam das ideias aprovadas pela Igreja Católica. Assim, ele vai produzir o debate com Galileu com base não somente em suas ideias mas também naquelas que lê na correspondência do mesmo. Reluta em aceitar as ideias do cientista em função das punições, terrenas e além-morte, que pode sofrer. Por fim, pelo fato de que aceita debater e entender as evidências mostradas por Galileu, vai paulatinamente aceitando as novas ideias, por vezes em um processo que contém ciclos de aceitação e negação. Os argumentos para debate lhe são oportunizados no exercício da função de organizar o ambiente de trabalho, em que toma contato com a correspondência de partidários e inimigos intelectuais de Galileu.

Decidimos, até para atender melhor o objetivo de realização de divulgação científica, que Andrea deveria viver entre dois polos: religião e ciência. A ideia é que ele vá aceitando as ideias científicas e comece a separar a religião da ciência. Ou seja, embora nunca renuncie à religião, esta começa a ter outro papel em sua vida.

CENA 1

(adaptação da Cena 1 do original)

*Quarto de estudo de Galileu, em Pádua; o misto de criado, aluno e amigo
Andrea está presente.*

----- Subcena 1: esfera armilar

G – Veja o que eu trouxe para você, ali atrás dos mapas astronômicos.

A – O que é isso?

G – É uma esfera armilar; mostra como as estrelas se movem à volta da
Terra, segundo a opinião dos antigos.

A – E como é?

G – Vamos investigar, e começar pelo começo: a descrição.

A – No meio tem uma esfera pequena.

G – É a Terra.

A – Por fora tem cascas, umas por cima das outras.

G – Quantas?

A – Oito.

G – São as esferas de cristal.

A – Tem bolinhas pregadas nas cascas.

G – As estrelas.

A – Tem bandeirinhas, com palavras pintadas.

G – Que palavras?

A – Nomes de estrelas.

G – Quais?

A – A bola embaixo é a Lua, é o que está escrito. Mais em cima é o Sol.

G – E agora faça mover o Sol.

A – *(movendo as esferas)* É bonito. Mas nós estamos fechados lá no meio.

G – É, foi o que eu também senti, quando vi essa coisa pela primeira vez. Há dois mil anos a humanidade acredita que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. Mas agora nós vamos sair, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou e começou um tempo novo. Tudo se move, meu amigo. Logo a humanidade terá uma ideia clara de sua casa, do corpo celeste que ela habita. O que está nos livros antigos não lhe basta mais. Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida. Todo mundo diz: é, está nos livros – mas nós queremos ver com nossos olhos. Como diz o poeta: “Ó manhã dos inícios!”

A - “Ó manhã dos inícios!

Ó sopro do vento

Que vem de terras novas!”

----- Subcena 2: MOVIMENTO RELATIVO

G – Você acabou entendendo o que eu lhe expliquei ontem?

A – O quê? Aquela história do Quipérnico e da rotação?

G – É.

A – Não. Porque o Senhor quer que eu entenda? É muito difícil!

G – Mas eu quero que você também entenda. É para que se entendam essas coisas que eu trabalho e compro livros caros em lugar de pagar o leiteiro.

A – Mas eu vejo que o Sol de tarde não está onde estava de manhã. Quer dizer que ele não pode estar parado! Nunca e jamais!

G – Você vê! O que é que você vê? Você não vê nada! Você arregala os olhos e arregalar os olhos não é ver. (*Galileu põe uma bacia de ferro no centro do quarto.*) Bem, isto é o Sol. Sente-se aí. (*Andrea se senta na única cadeira; Galileu está de pé, atrás dele.*) Onde está o Sol, à direita ou à esquerda?

A – À esquerda.

G – Como fazer para ele passar para a direita?

A – O Senhor carrega a bacia para a direita, claro.

G – E não tem outro jeito? (*Levanta Andrea e a cadeira do chão, faz meia-volta com ele.*) Agora, onde é que o Sol está?

A – À direita.

G – E ele se moveu?

A – Ele, não.

G – O que é que se moveu?

A – Eu.

G – (*berrando*) Errado! A cadeira!

A – Mas eu com ela!

G – Claro. A cadeira é a Terra. Você está em cima dela. Esta aqui é a Terra; seus pés estão sobre ela; note que ao meio dia o sol está sobre sua cabeça. Você entendeu isto?[§]

A – Sim.

[§]Galileu pega uma maçã, a seguir uma lasca ou algo em forma de palito e uma uva (==acho que estas frutas não dão ao mesmo tempo). A maçã é a terra, o palito e a uva são o corpo e cabeça de Andrea. Existe uma lanterna ou vela pendurada acima da mesa. Galileu pega a maçã, crava o palito em cima dela e nele crava a uva. O palito está na vertical e a uva fica imediatamente abaixo da vela.

G - Então agora vamos pensar deste jeito. Veja que pela manhã os seus pés continuam sobre a Terra e ao amanhecer o Sol está no horizonte. Ao meio-dia seus pés continuam sobre a Terra e o Sol está sobre sua cabeça, lembra-se? Ao final da tarde seus pés continuam sobre a Terra e o Sol está do outro lado no horizonte. E à noite ele desapareceu completamente. Viu como ao passar o dia, o Sol parece estar sempre em posições diferentes em relação a você?#

A – Mas como é que à noite eu não fico pendurado de cabeça para baixo?

G – Por quê? Olhe com atenção. A cabeça, onde está?

A – (*mostrando*) Aqui, embaixo.

G – O quê? A cabeça não está no mesmo lugar? Os pés não estão mais no chão? Quando eu viro, você acaso fica assim? (*Tira e inverte a lasca.*)

A – Não. E por que é que eu não percebo que virou?

G – Porque você vai junto. Você e tudo o que está ao seu redor sobre a esfera.

#Após a posição inicial já explicada, a maçã é girada de 90 graus para simular o amanhecer, mais 90 graus para simular o meio-dia, mais 90 graus para simular o entardecer e mais 90 graus para simular a noite e fica parada nesta posição.

A – E por que parece que é o Sol que sai do lugar?

G – (*gira novamente a maçã com o graveto*) Debaixo de você, você vê a Terra, sempre igual, que fica embaixo e para você não se move. Mas agora, olhe para cima. Faça de conta que aquela lamparina é o Sol. Agora é o Sol que está em cima da sua cabeça. Mas agora, se eu giro, o que é que está sobre a sua cabeça e portanto no alto?

A – (*acompanha o giro*) A mesa.

G – E a lamparina onde está?

A – Embaixo dos meus pés, do outro lado da Terra.

G – Táí: tudo pode se passar como se o Sol tivesse se movido. Na realidade, foi a Terra que se movimentou e você foi junto com ela.

----- Subcena 3: MARSILI E O TELESCÓPIO

A – Mudando de assunto, esteve ontem aí um moço chamado Ludovico Marsili, procurando por aulas particulares. Chegou da Holanda e trouxe uma carta de recomendação. Diz que ouviu falar muito do Senhor por lá.

G – Ele está disposto a pagar os quinze escudos por mês?

A – Sim. Diz que seu interesse maior é por cavalos, mas sua mãe insiste em que ele se oriente um pouco nas ciências. Comprou em Amsterdã um tubo estranho que estão fabricando somente há algumas semanas e que ele gostaria de entender estudando com o Senhor. Eu examinei com cuidado. Um canudo de couro verde e duas lentes: uma assim *(representa uma lente côncava)* e uma assim *(representa uma lente convexa.)* Ele diz que uma aumenta e a outra diminui e que isto é muito estranho, pois as duas coisas deveriam se compensar. Mas o que acontece é que o tubo aumenta cinco vezes, efeito que o deixou estupefato.

G – O que é que o tubo aumenta cinco vezes?

A – Tudo que estiver longe: torres de igrejas, pombas...

G – E o tubo tinha duas lentes? *(Galileu faz um esboço no papel.)* Era assim? *(Andrea faz um gesto que sim. Galileu começa a falar enquanto rabisca num papel.)* Tome aqui meio escudo e mande o Marco ao oculista para comprar duas lentes. As medidas estão aqui.

----- Subcena 4: AUMENTO DE SALÁRIO

A – Também estive ontem aqui o Procurador da Universidade dizendo que não pode lhe dar o aumento que o Senhor pediu *(enquanto caminha a um canto do palco entregar os escudos e o papel ao menino Marco).*

Disse que se o Senhor quer mais dinheiro, que o Senhor faça outra coisa bonitinha, como aquele seu excelente compasso proporcional, que mesmo ao leigo em matemática permite (*conta nos dedos*) tirar linhas, determinar o juro de um capital, reproduzir em escala ampliada ou diminuída a planta de um imóvel e até estabelecer o peso das balas de canhão.

G – É uma besteira.

A – O Senhor chama de besteira uma coisa que encantou e espantou os cidadãos mais eminentes e rendeu dinheiro à vista. Eu ouvi dizer que o próprio Marechal Stefano Gritti é capaz de tirar uma raiz quadrada com o seu instrumento!

G – De fato, é milagroso! Em todo o caso, você me fez pensar. Talvez este tal tubo holandês sirva para alguma coisa além das pesquisas que quero fazer.

A – É? Seria a solução. Ele parece pensar que o Senhor é um grande homem. Grande, mas insatisfeito.

G – Sou, sou insatisfeito! Mais uma razão para eles me pagarem melhor, se fossem mais inteligentes! Pois a minha insatisfação é comigo mesmo.

Mas em vez disso, eles fazem de tudo para que eu fique insatisfeito com eles. Os senhores de Veneza sabem que eu gosto de usar meu engenho no seu famoso arsenal, nos estaleiros e na fundição de canhões. O arsenal põe questões à minha ciência, que a levariam mais adiante, mas eles não me dão tempo de especular. Eles amarram a boca do boi que está trabalhando. Eu tenho quarenta e seis anos e não fiz nada que me satisfizesse. *(Pausa longa.)* Andrea, ouça aqui, não fale aos outros de nossas ideias

----- Subcena 5: HIPÓTESES

A – Por quê?

G – Porque as autoridades proibiram.

A – Mas é a verdade.

G – Mas proibiram. E nesse caso tem mais. Nós físicos, ainda não conseguimos provar o que julgamos certo. Mesmo a doutrina do grande Copérnico ainda não está provada. Ela é apenas uma hipótese.

A – O que é uma hipótese?

G – É quando uma coisa nos parece provável, sem que tenhamos os fatos. Imagine uma maçã colocada em um balde com água. É uma hipótese

que ela flutuará e não afundará; é uma hipótese enquanto eu não fizer isto e observar o resultado. Diante das estrelas, nós somos como vermes de olhos turvos, que veem muito pouco. As velhas doutrinas, aceitas durante mil anos, estão condenadas; há mais madeira na escoradado que no prédio enorme que ela sustenta. Muitas leis que explicam pouco, enquanto a hipótese nova tem poucas leis que explicam muito.

A – Mas como as novas ideias são somente hipóteses?! O Senhor provou tudo para mim!

G – Não. Eu só mostrei que seria possível. Mas ainda há muito trabalho a ser feito.

A – Eu também quero ser físico Senhor Galileu.

G – Acredito, considerando a infinidade de questões que resta esclarecer em nosso campo. *(Vai até o canto do palco buscar as lentes que Marco supostamente trouxe e vai até uma janela, e olha através das lentes. O seu interesse é moderado.)* Andrea, dê uma olhada.

A – Virgem Maria, chegou tudo perto. O sino do campanário, pertinho. Dá até para ver as letras de cobre: “Gratia Dei”.

G – Isto vai nos render quinhentos escudos.

CENA 2

(adaptação das Cenas 2 e 3 do original)

Galileu e Andrea se encontram durante a noite. Galileu faz observações quando Andrea entra em cena

----- Subcena 1: As descobertas

G – Eu estou apontando o tubo para a Lua...

A – O que é que o Senhor vê?

G – Ela não tem luz própria.

A – O quê?

G – É o que lhe digo.... A astronomia parou mil anos porque não havia um tubo assim, um telescópio. Você sabe do que é feita a Via Láctea?

A – Não!

G – Eu sei! Eu até me pergunto se esse troço não serve para provar uma certa doutrina.

A – Deixe-me ver Senhor! (*Andrea pega o tubo das mãos de Galileu e contempla os céus*).

A – Os bordos do crescente estão irregulares e rugosos. Na parte escura, perto da faixa luminosa, há pontos de luz. Vão aparecendo, um após o outro. A partir deles a luz se espraia, ocupa superfícies sempre maiores, de onde segue para a parte luminosa principal...

G – E como se explicam estes pontos luminosos?

A – Não pode ser...

G – Pode! São montanhas!

A – Numa estrela?

G – Montanhas enormes. Os cumes são dourados pelo sol nascente, enquanto a noite cobre os abismos em volta...Você está vendo a luz baixar dos picos mais altos ao vale.

A – Mas isso contradiz a astronomia inteira de dois mil anos!

G – É, o que você está vendo nenhum outro homem viu, além de mim...você é o segundo!

A – Mas a Lua não pode ser uma Terra com montanhas e vales, assim como a Terra não pode ser uma estrela.

G – A Lua pode ser uma Terra com montanhas e vales e a Terra pode ser uma estrela. Um corpo celeste qualquer, um entre milhares. Olhe outra vez...A parte escura da Lua é inteiramente escura?

A – Não, olhando bem, vejo uma luz fraca, cinzenta.

G – Essa luz é o quê?

A – Não sei...

G – É a da Terra ...

A – Não! Isso é um absurdo. Como pode a Terra emitir luz, com suas montanhas, suas águas e suas matas? A Terra não é um corpo frio?

G – Do mesmo modo que a Lua. Porque as duas são iluminadas pelo Sol e é por isso que brilham. O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua!

A – Portanto não há diferenças entre a Terra e a Lua?

G – Pelo visto não!

A – Por favor, Senhor... Não faz dez anos que, em Roma, um homem subia à fogueira... Chamava-se Giordano Bruno e afirmava exatamente isso...

G – Claro que sei disso tudo... mas agora estamos vendo! Não pare de olhar meu caro... O que você vê é que não há diferença entre o céu e a terra... Hoje, dez de janeiro de 1610, a humanidade registra em seu diário:
Aboliu-se o céu!

A – É terrível! *(sai correndo de cena)*

G – *(gritando)* E ainda descobri outra coisa, quem sabe se mais espantosa...

A – *(voltando hesitante)* O que eu sinto é quase um medo...

G – Vou lhe mostrar uma das nebulosas brancas e brilhantes da Via Láctea...
Me diga do que ela é feita?

A – São estrelas... incontáveis!

G – Só na constelação de Órion são quinhentas estrelas fixas. São os muitos mundos, os incontáveis outros mundos, as estrelas distantes de que falava o queimado-vivo...

A – Quem?

G – *(bravo)* Giodano Bruno!..Ele não chegou a vê-las, as estrelas que esperava...

A – *(fazendo um ar de sabichão)* Mas, mesmo que esta Terra seja uma estrela, há muita distância até as afirmações de Copérnico, de que ela gira em volta do Sol. Não há estrela no céu que tenha outra girando à sua volta... Mas em torno da Terra sempre gira a Lua.

G – Eu duvido, Andrea... desde ontem eu duvido... Olhe Júpiter! Junto dele estão quatro estrelas menores, que só se veem pelo telescópio. Eu as vi na segunda feira, mas não fiz muito caso de sua posição... Ontem, olhei de novo e juro que as quatro mudaram de lugar... até tomei nota. Hoje estão diferentes outra vez... Olhe você...

A – Só vejo três...

G – A quarta onde está? ... Vamos calcular onde ela pode estar...

O palco escurece, mas continuam as projeções sobre Júpiter...quando o palco clareia estão sentados..

G – Está provado... A quarta estrela só pode ter ido para trás de Júpiter, onde não está a vista. Está aí uma estrela que tem outra girando a sua volta.

A – *(com ar confuso)* Mas, e a esfera de cristal, em que Júpiter está fixado?

G – De fato, onde é que ela ficou? Como pode Júpiter estar fixado, se há estrelas girando em sua volta? *(gritando)* Não há suporte no céu e há outro ponto fixo no Universo! Júpiter é outro sol!

A – Calma Senhor... O Senhor pensa depressa demais!

G – Que depressa que nada! Acorda rapaz! O que você está vendo nunca ninguém viu antes. *(gritando)* Eles tinham razão!

A – Quem? Os copernicanos?

G – *(gritando ainda mais alto)* E o outro!

A – Senhor, precisa se acalmar! Precisa parar de gritar!

G – Você quer parar de fazer cara de peixe morto, quando a verdade foi descoberta!

A – Eu não estou fazendo cara de peixe morto... estou tremendo de medo que seja mesmo verdade.

G – O quê?

A – Mas o Senhor não tem juízo mesmo... Não percebe a situação em que fica se for verdade o que estamos vendo? E se o Senhor sair por aí gritando que a Terra é uma estrela e que não é o centro do Universo...

G – Sim meu caro... e que não é o Universo enorme, com todas as suas estrelas, que gira em torno de nossa Terra, que é ínfima, o que era aliás de se imaginar...

----- Subcena 2: Deus e a Igreja

A – E que, portanto, só existem estrelas!... E Deus, onde é que fica Deus...
(*horrorizado*)

G – O que você quer dizer?

A – Deus, onde é que fica Deus?

G – (*em fúria*) Lá no céu não... Do mesmo jeito que ele não existe aqui na Terra, se houver habitantes de lá que queiram achá-lo aqui...

A – E então, onde é que Ele fica...

G – Eu não sou teólogo... sou matemático rapaz...

A – Antes de tudo o Senhor é um homem, e eu lhe pergunto: onde está Deus no seu sistema de mundo?

G – Em nós, ou em lugar algum...

A – A mesma fala do queimado-vivo?

G – A mesma fala do queimado-vivo!

A – Por causa dela ele foi queimado vivo! Não faz dez anos...

G – Porque ele não tinha como provar! Porque ele só afirmava! Andrea!

A – Mestre! Durante anos tenho sido seu assistente e mais atento aluno. Sei que durante dezessete anos o Senhor ensinou aos seus alunos o sistema de Ptolomeu, que é adotado pela Igreja e é confirmado pelas Escrituras. O Senhor, sendo da linha de Copérnico, achava errado o sistema de Ptolomeu, mas ensinava assim mesmo.

G – Porque eu não tinha provas.

A – (*incrédulo*) E acha que isso faz alguma diferença?

G – Faz toda a diferença. Veja aqui Andrea. Eu acredito no homem, e isto quer dizer que acredito na sua capacidade de raciocínio, na lógica, enfim, na sua razão! Sem esta fé eu não teria a força para sair da minha cama pela manhã.

A – Então eu vou lhe dizer uma coisa: eu não acredito nela. A razão não é algo confiável, além do mais a razão não é uma das maiores virtudes da Igreja.

G – (*bravo*) Isso é inteiramente falso! Eu não entendo como você pode amar a Ciência e dizer isso. Só um morto é insensível a um bom argumento. Eu acredito na força suave da razão... a longo prazo... e a Igreja não

pode resistir a ela indefinidamente... Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana... O problema é o tempo...

A – Tempo?

----- Subcena 3: Florença

G – Sim meu caro... eu preciso de tempo e de sossego. Tempo para elaborar minhas provas... tempo para mostrar que os corpos celestes giram em torno do Sol... Talvez eu deva aceitar o convite da corte e me mudar para Florença...

A – (*assustado*) Florença... não vá para Florença!

G – Por que não?

A – Porque os padres mandam lá.

G – Mas há sábios de reputação na corte em Florença.

A – São todos uns lacaios !

G – Pois eu vou pegá-los pela cabeça e botar o olho deles no telescópio. Os padres são gente e eles sucumbirão à sedução das provas. Copérnico queria que acreditassem no cálculo dele e eu quero que apenas

acreditem nos próprios olhos. Quando a verdade é fraca demais para se defender, ela precisa passar à ofensiva. Eu vou pegá-los pela cabeça e vou forçá-los a olhar por esse telescópio.

A – Senhor Galileu, vejo o Senhor em um caminho horrível. É uma noite desgraçada a noite que o homem vê a verdade. É de cegueira o momento em que ele acredita na razão da espécie humana. O Senhor acha que o Papa vai ouvir sua verdade quando o Senhor disser que ele está errado?! Quando o Senhor disse que acreditava em provas, eu senti o cheiro de carne queimada... Eu gosto muito da Ciência, mas mais do Senhor, meu professor. Não vá para Florença.

CENA 3

(adaptação das Cenas 4 e 5 do original)

Sala de estudos da casa de Galileu em Florença. Andrea põe-se a arrumar papéis e objetos sobre a mesa de trabalho.

Falando sozinho, reflete sobre o “pecado” de ter duvidado das verdades apresentadas pela Igreja e ter olhado ao telescópio. Atormentado pela situação que se impôs, lê algumas cartas enviadas a Galileu pelos seus opositores.

A – Que Deus e o Papa tenham misericórdia de mim...Nunca mais olharei por aquele instrumento demoníaco...aquilo me levará ao inferno! Tudo o que se vê no telescópio é magia... enganação do demônio para nos levar ao inferno...

pausa

A – O próprio Duque Cosmo de Médici ainda titubeia em acreditar nas verdades reveladas pelo telescópio. Os cientistas da corte também...
Veja! A mesa cheia de cartas ao Mestre Galileu contestando suas teorias... *(passando os olhos sobre as cartas e papéis)*... Ai meu Deus... bem que avisei ao Mestre para não vir para Florença...

Andrea remexendo nos livros encontra uma carta escrita por um matemático da corte do Duque de Florença endereçada a Galileu e a lê em voz alta:

A – Caro Senhor Galileu Galilei... o Senhor naturalmente sabe que segundo a concepção dos antigos não é possível uma estrela que gire em volta de um centro que não seja a Terra, assim como não é possível uma estrela sem suporte no céu. O Universo divino de Aristóteles, com suas esferas misticamente musicais e suas abóbodas de cristal e os movimentos circulares de seus corpos, o ângulo oblíquo do trajeto solar, o mistério da tabela dos satélites e a riqueza estelar do catálogo da calota austral... Tudo isso forma uma construção de tal ordem e beleza que deveríamos hesitar muito antes de perturbar essa harmonia... Assim Senhor Galileu... seria muito proveitoso á esta corte razões, as razões que o movem quando supões que na esfera mais alta do céu imutável as estrelas possam mover-se e flutuar livremente...

Neste instante entra Galileu com aspecto triunfante

G – O que fazes aí Andrea a remexer nas minhas coisas!

A – Meu Mestre! Tenho lido sua correspondência e vejo que o Senhor está em apuros... muitos contestam suas descobertas. Como pretende

responder a esta carta? (*mostrando o documento que estava lendo a Galileu*)

G – Andrea, eu já lhe mostrei os cálculos. Nós astrônomos há muito temos tido dificuldades com os cálculos das órbitas dos planetas e das estrelas. Justamente porque nós nos baseávamos em um sistema muito antigo, que está de acordo com a filosofia, mas que infelizmente parece não estar de acordo com os fatos.

Segundo este velho sistema, o de Ptolomeu, o movimento das estrelas é muito complicado. Mesmo sendo fiel aos movimentos propostos por Ptolomeu, não somos capazes de calcular com precisão a posição futura das estrelas. Não as encontramos no lugar onde elas deveriam estar. Além do mais, há movimentos no céu para os quais o sistema ptolomaico não tem explicação alguma!...Eu pude observar isso!

(*telão mostra os satélites de Júpiter em movimento*)

Aquelas estrelas pequenas que eu descobri em movimento à volta de Júpiter se movimentam de maneira que não está de acordo com Ptolomeu.

Hoje à noite eu lhe mostro e você mesmo poderá observar!

A – Eu! (*titubeante e amedrontado*)... bem ... Será que elas existem mesmo meu Mestre?!... O Senhor bem sabe que segundo a concepção dos antigos não é possível uma estrela que gire em volta de um centro que

não seja a Terra, assim como não é possível uma estrela sem suporte no céu...

G – Sei sim.

A – Os matemáticos da corte parecem duvidar desta hipótese (*pegando um das cartas e mostrando a Galileu*)... seriam necessárias tais estrelas?

G – Andrea, você fica lendo estas cartas que os cientistas da corte enviam a mim e se perturba... o que você quer dizer com tudo isso?

A – As razões Mestre! Os matemáticos querem as razões que o movem quando supõe que na esfera mais alta do céu imutável as estrelas possam mover-se e flutuar livremente... (*novamente mostrando uma das cartas a Galileu*)

G – As razões? Mas se os meus olhos e as minhas anotações mostram o fenômeno? Andrea ... há anos ensino você a pensar racionalmente ... você está se esquecendo deste ensino... As esferas de cristal não existem...

A – *(quase chorando senta-se à mesa)* Meu Mestre... Mas qualquer manual ensina isso. Eles estão baseados em nada mais nada menos que na autoridade do divino Aristóteles...

G – Neste caso, é preciso escrever novos manuais de astronomia!... A fé na autoridade de Aristóteles é uma coisa, e os fatos, que são tangíveis, são outra.

A – Mas o Mestre precisa convencer o Duque e os matemáticos da corte. Como pretende fazer isso?

G – Convidando o próprio Duque Cosmo e toda a corte a observar os satélites de Júpiter, os quais batizei de estrelas Medicéias...

A – Mas eles não vão olhar pelo instrumento *(pegando o telescópio na mão e o soltando rapidamente depois de lembrar de sua promessa...)*... a corte duvida da exatidão... da verdade mostrada pelo telescópio... Veja o que escrevem! *(lê um trecho da carta a Galileu)*... Não seria o caso de dizer que é duvidoso um telescópio no qual se vê o que não pode existir?...

G – *(irritado levanta-se da cadeira e grita)*... Basta que olhem pelo instrumento !

A – Mas Senhor! Agora com a peste é que não vão olhar mesmo!... A peste Senhor Galileu!... Dizem ser um castigo pelas nossas observações e contestações sobre a ordem celeste... o próprio Duque vai abandonar a cidade... metade dela está fechada... as pessoas estão morrendo da peste ou morrendo de medo... nós também temos que sair de Florença...

G – Então eu vou a Roma! Tenho novas provas!

A – *(com o rosto desesperado)*... Ai ... agora piorou!

G – Você se lembra que uma noite eu te mostrei o planeta Vênus? Você sabe o que eu descobri? Ele é como a Lua! Como uma esfera e uma luz... isso prova que Vênus não tem luz própria. Ele descreve um círculo simples em volta do Sol... não é extraordinário?

A – Agora eles serão obrigados a acreditar no Senhor?

G – Agora eu reuni todas as provas. Sabe, quando acabar essa confusão de peste aqui em Florença, vou para Roma e daí eles vão ver!... *(saindo de cena)*

CENA 4

(adaptação das Cenas 6 a 9 do original)

Um pequeno quarto em Roma. Andrea espera pela volta de Galileu dos embates no Collegium Romanum. Galileu entra cabisbaixo e exausto.

A – *(muito nervoso...)* E então meu Senhor... Como foi? ... Quem estava lá?

G – *(tranquilo)*... Estavam lá o Padre Cristóvão Clávio, astrônomo da Igreja, e Suas Eminências os Cardeais Bellarmino e Barberini.

A – *(ansioso)* E então? O Senhor Clávio olhou pelo telescópio?... O que ele disse?

G – *(com ar de satisfação e glorioso)*... Deu total razão aos meus argumentos, entendeu meus cálculos e fez observações com o instrumento...

A – *(muito mais ansioso)*... E então ganhaste?... Suas teorias são por fim vitoriosas?... hahahaha... *(pulando)*

G – ... Não Andrea... agora é a vez dos teólogos...eles vão dar um jeito de recompor o céu...

A – *(confuso)*... Como assim Senhor Galileu?

G – O Santo Ofício decidiu que a Doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do Universo, e é imóvel, enquanto a Terra é móvel e não é o centro do Universo, é tola, absurda e herética na fé... E os Cardeais querem que eu declare formalmente que concordo com essa declaração...

A – *(surpreso e confuso)*... Mas e os fatos? O Senhor não disse que o astrônomo do Collegium Romanum aceitou suas observações?

G – Sim... E ainda expressaram a mim os mais profundos votos de reconhecimento e honra...

A – Mas... Os satélites de Júpiter?... As fases de Vênus?...

G – A Santa Congregação decidiu sem levar em conta esses detalhes...

Sabe o que eles me disseram? "A pesquisa científica deve estar em conformidade com o pensamento da Igreja!"... Podemos pesquisar, mas não saber...

A – Senhor Galileu...Posso lhe fazer uma pergunta? (*voltando a apresentar ares de dúvida e confusão*). Não estaria o Senhor, com este novo modelo de Universo, querendo tornar a Astronomia mais confortável, simplificando os modelos mais complexos porém mais consagrados das esferas celestes?

G – Andrea, eu acredito na razão!

A – Sim claro Senhor Galileu... Mas não achas que a razão tem um alcance um pouco limitado?... Eu lhe pergunto: a verdade onde está?

G – (*perdendo a paciência*) Andrea, eu acredito na razão!

A – (*quase suplicando*) Senhor Galileu! Pense um pouco! Nós atribuímos a um Ser Supremo a responsabilidade pelo sentido dos fatos que não conseguimos compreender e que constituem nossas vidas. Falávamos que havia uma certa finalidade nas coisas, que tudo obedecia um Grande Plano... Agora vem o Senhor e diz à Igreja que o Ser Supremo entende mal o movimento dos céus e que só o Senhor entende bem... Isso é prudente? Não lhe parece mais provável que o Criador saiba mais que a criatura a respeito da criação?

G – Mas Andrea, se o homem decifra mal o movimento das estrelas, pode também errar quando decifra a Bíblia... Onde no Texto Sagrado está dito sobre a maneira com que os astros se movimentam?

A – Misericórdia! Entramos agora por um mau caminho... Decifrar a Bíblia não é da competência dos teólogos da Santa Igreja?... Senhor Galileu... Por favor, contenha-se...

(Galileu sai de cena. As luzes são diminuídas e Andrea põe-se a pensar novamente... fica andando em círculos... começa a falar sozinho)

(luzes voltam ao natural)

A – *(voltando-se para a plateia)* Será Necessário que o homem compreenda tudo? A Terra, a pátria do gênero humano, não passa agora de uma estrela errante! O homem, os bichos, as plantas, o reino mineral... Foi tudo colocado na mesma carroça... Não existe mais a terra e os céus... Não há mais diferença entre o alto e o baixo... Entre o Eterno e o perene... *(aumentando o tom de voz)* Só existem estrelas eles dizem... Ainda virá o dia em que eles dirão: nem homem nem animais existem, o próprio homem é um animal... Só existem animais...!

(As luzes são diminuídas novamente e Andrea põe-se a pensar)

(as luzes voltam e Galileu volta a cena...)

A – Senhor Galileu!... Ainda tenho dificuldades em conciliar os decretos do Santo Ofício com os satélites de Júpiter...

G – Então vai me dizer que não há satélites em Júpiter.

A – Não meu Senhor. Não consegui perceber a sabedoria dos decretos do Santo Ofício, mas percebi que os decretos mostram que a pesquisa desenfreada é perigosa para a Humanidade. Entendo que o Senhor esteja amargo com a Igreja, pensando em certos poderes extraordinários que a Igreja dispõe...

G – Diga de uma vez: instrumentos de tortura!

A – Entendo Senhor Galileu, mas quero que reflita sobre outras razões. O Senhor me conhece desde quando era criança. Conheceu meus pais e sabes de nossa origem humilde. Assim como os meus pais, a maioria das pessoas é simples, pessoas que sabem tudo sobre as oliveiras e as parreiras, mas pouco além disso. A vida destas pessoas não é boa, mas até sua desgraça se manifesta em uma certa ordem... Os dias de lavar o chão, os ciclos das oliveiras, o pagamento dos impostos, os partos... Há

regularidade em tudo nas vidas deles, até nos desastres. E para continuar vivendo assim é preciso ter força... E de onde eles tiram esta força, senão da certeza de saber que tudo está na mais perfeita ordem? Eles estão seguros e foram ensinados assim: que o olho de Deus está posto neles, atento, quase ansioso, de que o espetáculo do mundo foi construído em torno deles, para que eles, os atores, pudessem desempenhar seus papéis grandes ou pequenos. O que diriam os meus pais se eles ouvissem de mim que eles moram em um pequeno pedaço de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, à volta de outra estrela sem maior expressão? Para que tanta paciência e resignação diante da miséria? Qual é o cabimento da Sagrada Escritura e da Santa Igreja que explicou tudo e disse que tudo é necessário?... O suor, a paciência, a fome, a submissão, se agora ela está errada?

Não Senhor Galileu. Eu vejo os olhos ficando ariscos, vejo a gente simples se sentindo traída, percebendo que nenhum papel lhes foi destinado a não ser o papel terreno e lamentável, em uma estrela minúscula, inteiramente dependente.

Não há então sentido em nossa miséria!... Fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido... Esforço não é mérito...

O Senhor compreende agora a verdadeira misericórdia maternal, a grande bondade da alma que vejo nos decretos da Santa Congregação?

G – Bondade da alma, Andrea! (*gritando*) Você está misturando as maravilhas do Criador com os interesses da Igreja! Pense e reflita mais um pouco... Por que existe a necessidade de se matar no trabalho? ... Por que a Igreja põe a Terra no centro do Universo?... Para que o trono de Pedro possa ficar no centro da Terra e de tudo... É isso que importa!

A – (*aumentando o tom da voz, mas não gritando*) São os motivos mais altos que nos mandam calar Senhor Galileu!... A paz de espírito dos miseráveis!

G – (*ainda gritando*) A miséria não é condição das virtudes, Andrea! Se os pobres fossem abastados e felizes aprenderiam as virtudes da abastança e da felicidade... A razão, a liberdade, as verdadeiras maravilhas do Universo do Criador que estão em jogo... Quer que eu minta à sua gente?... Eu poderia fazê-lo!... Vida fácil, nada de perseguições... Não! Não posso!... E você também não! Você já viu que Vênus tem fases, conhece a soma dos ângulos dos triângulos... Você é um cientista!

(*Galileu entrega a Andrea um maço de folhas e anotações... a luz se apaga enquanto Andrea faz sua última fala*)

A – Senhor, isto tudo me deixa ainda muito confuso. Por um lado eu entendo as razões da Igreja. Mas é certo que não dá para negar as observações que fizemos.

(Ainda no escuro, ouve-se a voz do Narrador: “Mesmo sendo reconhecido como um dos maiores cientistas vivos da Europa, Galileu viveu oito anos de silêncio e reclusão. Mas a eleição em 1623 de um novo Papa, Urbano VIII, também cientista e matemático, faz Galileu retomar suas esperanças e voltar às pesquisas. Após um período de nove anos de novos estudos, Galileu publica o livro “Diálogo sobre os dois máximos sistemas de mundo”. No mesmo ano, Galileu é intimado a comparecer diante do Tribunal do Santo Ofício. No ano seguinte, Galileu é condenado pela Inquisição”)

CENA 5

(As luzes se ascendem e Galileu está em pé de frente para a plateia e recita em voz alta)

A – Eles querem que o Senhor leia isto.

G – Eu, Galileu Galilei, professor de matemática e física da Universidade de Florença, renuncio solenemente o que ensinei: que o Sol seja o centro do mundo, imóvel em seu lugar, e que a Terra não seja o centro do Universo nem imóvel. De coração sincero e fé não fingida, eu renego, detesto e maldigo todos estes enganos e essas heresias, assim como quaisquer outros enganos e pensamentos contrários à Santa Igreja.

(As luzes se apagam)

CENA 6

(adaptação das Cenas 11 a 15 do original)

(Galileu está sentado e Andrea, agora mais velho, entra em cena)

A – Como vai o Senhor?

G – Chegue mais perto. Você o que está fazendo? Fale sobre seu trabalho.

Ouvi dizer que é sobre hidráulica.

(pausa)

A – Fabrizio de Amsterdam quer saber como o Senhor tem passado.

G – Estou passando bem. Dão-me muita atenção.

A – Direi a ele, com prazer, que o Senhor está bem.

G – Ele ficará satisfeito. E você pode informá-lo de que vivo com o devido conforto. A profundidade de meu arrependimento me valeu o favor de meus superiores, tanto que me permitiram algum trabalho científico, em escala modesta e sob controle eclesiástico.

A – Também soubemos que Igreja está satisfeita com o Senhor. A submissão total surtiu efeito. É voz corrente que as autoridades estão felicíssimas, pois não apareceu obra alguma na Itália que afirmasse coisa nova, desde que o Senhor se submeteu.

G – Mas existem países que não estão sob a influência da Igreja, como a Holanda, que é um país protestante. Acho que nestes países se aprimoram as doutrinas condenadas.

A – Também nestes países a sua retratação causou um retrocesso agradável à Igreja.

G – É verdade?... Descartes, nenhuma novidade? Paris?

A – Alguma. A notícia de sua retratação fez com que ele engavetasse um tratado sobre a natureza da luz.

(pausa prolongada)

G – Eu me inquieto por ter induzido alguns cientistas amigos meus. Será que eles aprenderam com a minha retratação?

A – Fedezoni trabalha escondido polindo lentes em Milão. Fulgenzio, o nosso amigo monge, abandonou a pesquisa e voltou para o seio da Igreja.

G – Sei...

A – Eu, para trabalhar em ciência resolvi mudar para a Holanda.

G – Entendo.

(*pausa*)

G – Quanto a minha recuperação espiritual, os meus superiores acham que é para breve. O meu progresso é maior do que previam.

A – Senhor Galileu. Eu vou viajar durante a noite para atravessar a fronteira amanhã cedo. O Senhor me dá licença... (*virando as costas e saindo...*)

G – (*falando alto e levando as mãos aos céus*)... Andrea! Não sei por que você veio... Para me agitar?... Eu vivo com prudência, e penso com prudência, desde que estou aqui preso na minha própria casa. Por favor, deixe-me lhe falar uma última coisa.

G – (*falando baixo*) Tenho minhas recaídas... Voltei a escrever!

A – É?!

G – Eu terminei os *Discorsi*.

A – Os diálogos sobre duas ciências novas: a Mecânica e a Queda dos Corpos ? (*sorrindo*)... Aqui?

G – Eles me dão tinta e papel. Os meus superiores não são tontos. Eles sabem que vícios arraigados não se arrancam de um dia para o outro. Eles me protegem das consequências desagradáveis, me tomando as folhas... Uma por uma...

A – Meu Deus! Eles lhe dão papel e tinta para que o Senhor se acalme!

G – (*sorrindo*) Eu sou um escravo de meus hábitos...

A – Os *Discorsi* nas mãos dos padres! E Amsterdam, Londres e Praga dariam tudo por eles...

G – Eu imagino as lamentações de nosso amigo Fabrizio, sacudindo a cabeça, mas em segurança lá em Amsterdam.

A – Dois ramos novos do conhecimento, a mesma coisa que perdidos...

(desolado)

G – Certamente será animador saber que pus em jogo os últimos e míseros restos de conforto e fiz uma cópia usando os restos de luz das noites claras de seis meses.

A – O Senhor tem uma cópia?

G – A minha vaidade me impediu, até agora de destruí-la.

A – Onde ela está?

G – Suponho que seja o máximo da estupidez entregar essa cópia. Mas como não consegui deixar o trabalho científico, tanto faz: que vocês fiquem com ela. *(entrega a cópia a Andrea)* Se você estiver pensando em levá-la a Holanda, a responsabilidade é toda tua... Neste caso, você teria comprado de alguém que tem acesso ao original no Santo Ofício.

A – *(gritando de alegria)*... Os *Discorsi!*... *(folheando o manuscrito Andrea lê)*

“O meu propósito é expor uma ciência novíssima que trata de um assunto muito antigo, o movimento. Através de experiências descobri algumas de suas propriedades que são dignas de serem conhecidas” ...

G – Precisava empregar meu tempo em alguma coisa.

A – Isso vai fundar uma nova física.

G – Ponha debaixo do casaco.

A – E nós achávamos que o Senhor havia desertado! A minha voz é a que gritava mais alto contra o Senhor!

G – É assim que deveria ser. Eu lhe ensinei a Ciência mas eu reneguei a Verdade!

A – Isso muda tudo... Tudo!

G – É?

A – O Senhor escondeu a verdade diante do inimigo. Também no campo da ética o Senhor estava séculos adiante de nós.

G – Como assim, Andrea.

A – Como o homem da rua, nós dizíamos: ele vai morrer, mas não renega jamais. O Senhor voltou: eu reneguei, mas vou viver. Nós dizíamos: as mãos dele estão sujas. O Senhor diz: melhor sujas do que vazias.

G – Melhor sujas do que vazias... A frase é realista. Ciência Nova, Ética Nova.

A – Eu, mais do que os outros deveria ter compreendido! O Senhor achou preferível renegar um aspecto popular de suas doutrinas. Eu deveria compreender que o Senhor fugia meramente a uma briga política sem chances, mas fugia para avançar o trabalho verdadeiro da ciência...

G – Que consiste...

A – No estudo das propriedades dos movimentos, que é o pai das máquinas, as quais – e somente elas – farão a Terra habitável a tal ponto que o céu possa ser abolido.

G – Hum...

A – O Senhor conquistou o sossego necessário para escrever uma obra de ciência, que ninguém mais poderia escrever. Se o Senhor acabasse em chamas na fogueira, os outros o teriam vencido!

G – Eles venceram. E não existe obra de ciência que somente um homem pode escrever.

A – Então porque o Senhor renegou?

G – Eu reneguei por medo da dor física.

A – Não!

G – Eles me mostraram os instrumentos... *(no telão aparecem imagens de instrumentos de tortura)*

A – Não foi um plano?

G – Não!

(silêncio)

A – *(em voz alta)* A ciência só conhece um mandamento: a contribuição científica!

G – E essa eu dei!

A – O medo da morte é humano. Fraquezas humanas não têm nada a ver com a ciência.

G – Não, meu caro Andrea. Ciência e humanidade estão diretamente ligadas. Mesmo em meu estado presente ainda me sinto capaz de lhe dar algumas indicações relativas a várias coisas que têm tudo a ver com a Ciência, com a qual você se comprometeu.

(pausa)

G – Em minhas horas de folga, que são muitas, repassei o meu caso, e pensei sobre o juízo que o mundo da ciência, do qual eu mesmo não me considero mais parte, deverá fazer a meu respeito. A prática da ciência me parece exigir notável coragem, pois a Ciência se constrói através do duvidar das coisas já estabelecidas, que podem muitas vezes serem interessantes aos poderosos.

A maior parte da população é conservada pelos príncipes, donos de terra e pelos padres, numa névoa luminosa de superstições e afirmações antigas, que encobre as maquinações desta gente.

O nosso telescópio encantou o grande público e mostrou um novo mundo a eles. Isso perturbou os donos do poder, que nos cobriram de ameaças...

(pausa)

Seremos ainda cientistas se nos desligarmos da multidão?... Os movimentos dos corpos celestes se tornaram mais claros, mas os movimentos dos poderosos continuam imprevisíveis para os seus povos... A Ciência, Andrea, está ligada a estas duas lutas... Enquanto tropeça dentro da névoa luminosa das superstições e afirmações antigas, a humanidade não será capaz de desenvolver as forças da natureza que se descobrem... *(voltando-se para a plateia)* Vocês trabalham para quê? ... Eu sustento que a única finalidade da Ciência está em aliviar a canseira da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos acham que por amor ao saber basta amontoar a ciência, ao fim, ela pode ser transformada em aleijão, e suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço estará longe da humanidade. Como cientista, tive uma oportunidade sem igual... Se eu tivesse resistido!... Entretanto Andrea, entreguei meu saber na mão dos poderosos, para que eles usassem e abusassem, conforme lhes conviesse.

Eu traí minha profissão! Um homem que faz o que eu fiz não pode ser admitido nas fileiras da Ciência.

A – Diante do juízo que o Senhor faz, não sei o que responder, mas não consigo imaginar que a sua análise vá ser a última palavra... *(saindo de cena)*

(a luz se apaga... e ouve-se o narrador)

Narrador: Em 1637, pelas mãos de Andrea Sarti, os “Os diálogos sobre duas ciências novas” atravessam a fronteira italiana e chegam a salvo na Holanda, onde seriam publicados. Cinco anos depois, Galileu morre, ainda em prisão domiciliar, em sua propriedade nos arredores de Florença.